

Qual o lugar da natureza?

Na conclusão do livrinho [As religiões e a natureza](#), eu entrelacei convergências e divergências entre os diversos grupos religiosos na compreensão sobre o cosmos e mostrei que as espiritualidades estão evoluindo e convergindo. Hoje, nessa roda rica de saberes, eu quero celebrar a conexão do nosso projeto, de promover a união das religiões em torno da justiça socioambiental ou do respeito à integridade da Criação, com o desenvolvimento das ciências, que também evoluem e reconectam as culturas humanas com a natureza.

Segundo a biologia que minha geração estudou, nenhum mamífero - exceto humanos - apresenta faculdades mentais como razão, consciência e sonhos. Se não valia nem para parentes primatas, muito menos para insetos, moluscos ou crustáceos. Pois bem: a fila andou. Precisamos começar a pensar na eventualidade de moscas sonharem, abelhas brincarem e peixes serem providos de curiosidade. Pois no último mês de abril um grupo de cientistas cognitivos e filósofos publicou a [Declaração de Nova York sobre Consciência Animal](#), na qual afirmam três pontos: Um, que há forte base científica para atribuir experiência consciente a outros mamíferos e aves. Dois, que a evidência empírica indica uma possibilidade realista de haver experiência consciente em todos os vertebrados, incluindo répteis, anfíbios e peixes. Três, que é irresponsável, em caso de chance razoável de experiência consciente num animal, ignorar essa possibilidade na tomada de decisões que possam afetar o bicho.

Já o biólogo Merlin Sheldrake (em [A trama da vida](#)) assinala uma mudança de percepção que desloca o centro do debate sobre a vida: do homem para a Terra e seus organismos, tipo um sistema – como aliás, o neurobiólogo Humberto Maturana já ensaiava (em [A ontologia da realidade](#)). Merlin mostra que os mais de 2 milhões de espécies de fungos que existem desafiam nossas ideias tradicionais de individualidade e inteligência. A vida humana não está separada do todo, nem ocupa lugar de destaque ou superioridade. Ela, ao contrário, faz parte intrínseca dessa teia essencial que nos nutre e nos possibilita viver com dignidade. Então, é preciso enxergar não apenas os outros seres vivos sobre a Terra, mas uma teia vital sob os nossos pés: existem muito mais fungos do que plantas no mundo, todo um rizoma vivo que sustenta a vida da gente na superfície. Desse modo, esforçar-se para compreender esse mundo invisível é tarefa essencial para todos os que buscam um novo modo de habitar a Terra, para além da pegada violenta do antropoceno.

O filósofo quilombola Antônio Bispo (em [A terra dá, a terra quer](#)) aponta no Gênesis o documento de fundação da humanidade eurocristã. E diz que ao apartar os humanos da natureza e criar a imagem de um Deus terrorista, a interpretação tradicional da bíblia deu origem à cosmofobia que nos governa, um regime monoteísta em que só cabem uma verdade e um modo de existir no mundo. A impossibilidade de relacionamento orgânico com outras vidas é o fundamento do colonialismo e explica a predação da natureza e a perseguição aos povos tradicionais, que se veem como criaturas da natureza e não têm a pretensão de se tornar criadores de um mundo sintético. Essa crítica lembra o antropólogo Viveiros de Castro (em [Metafísicas canibais](#)), com a sua resignificação de animismo e o seu multiNaturalismo.

Lembra também outro antropólogo, Philippe Descola (em [Para além de natureza e cultura](#) e [As formas do visível](#)), que propõe uma nova abordagem das maneiras de repartir continuidades e descontinuidades entre o homem e o seu ambiente. Sua investigação destaca quatro formas de identificar os “existentes” e agrupá-los com base em traços comuns: o totemismo, que destaca a continuidade material e moral entre humanos e não-humanos; o analogismo, que postula entre os elementos do mundo uma rede de descontinuidades estruturada por relações de correspondência; o animismo, que atribui aos não-humanos a interioridade dos humanos mas os diferencia destes pelo corpo; e o naturalismo, que, pelo contrário, nos associa aos não-humanos pelas continuidades materiais e nos separa deles por aptidão cultural. A cosmologia ocidental

torna-se, assim, uma fórmula entre outras, pois cada modo de identificação autoriza configurações singulares que distribuem os existentes em grupos de fronteiras diferentes daquelas com as quais as ciências humanas nos familiarizaram. Descola convida-nos a uma recomposição radical dessas ciências e a um reordenamento do seu âmbito, a fim de incluir nele muito mais do que o homem: todos esses “corpos associados” relegados a uma função de ambiente.

Então, minha gente, as ciências estão avançando na compreensão de que o homo sapiens/demens, do qual somos herdeiros, emergiu trazendo no tecido do seu corpo e dentro da sua psique a história de todo o universo. Na grande dança do mundo, somos todos pares de todos: os quarks, as estrelas, os humanos e as florezinhas. Para além das fronteiras culturais e religiosas, cresce a consciência de que deveríamos nos reconhecer como comunidade humana, geneticamente ligada com a natureza, com todos os seres vivos, evoluindo junto com a totalidade do cosmos. Nossa existência é relação: todos os povos e a terra inteira estamos ligados, de modo que juntos somos interpelados a encarar nossa comum missão de salvar os processos da vida.

Nesses dias conversei com um irmão muito religioso sobre os desastres climáticos no Rio Grande do Sul, entre outros, tocando na necessidade das religiões se unirem, de partilharem uma espiritualidade em torno da ecologia integral e da salvaguarda da Casa Comum, da Criação. Ele retrucou, citando a bíblia em João 12, que isso é conversa de panteísta, porque este mundo pertence ao Príncipe das Trevas e começa a ser julgado com esses castigos: vai se acabar tudo e, em meio ao caos, a Igreja (dele) será levada para outro mundo(!). Aí me lembrei da escultura de Isacc Cordall, "[Políticos falam sobre Mudanças Climáticas](#)", e fiquei com vontade de ser artista para incluir religiosos assim no meio dos negacionistas nessa enchente

Os debates engendrados pelo nosso projeto de estudo sobre natureza e mística mostraram que o ser humano é chamado a cuidar da sustentabilidade, em vista da vida para todos. A diversidade da vida na natureza, como nas culturas e religiões, resulta de uma bênção original. A missão maior dos humanos é cuidar uns dos outros e do seu ambiente cósmico, como presente da vida ou como dom do mistério da Criação. As missões religiosas devem sentir-se chamadas a potencializar essa missão humana comum, pois todos somos luz e treva, em comunitária evolução. Nenhuma prepotência, religiosa ou de qualquer espécie, pode ter lugar neste paradigma de universo no qual todos estamos inter-relacionados.

Esta foi a maior lição que eu tirei dos encontros que estão refletidos no livrinho que agora lançamos, e que me enche de alegria por perceber que estamos ligados no espírito do nosso tempo, que estamos sabendo ler os sinais do tempo. Parabéns a todas as pessoas envolvidas!

Gilbraz Aragão.